Guimarães V—I—XCIX

A PARVONIA

Metralhar a Parvonia a cascas de pepino,
Esfaquear Prudhome, e apunhalar Calino ..
G. Junqueiro

ARTE | FOLHA AVULSA | CRITICA

SURREXIT

Quando, em agosto passado, «A Parvonia» surdiu, no meio da cidade marasmada, toda ella se alvoraçou, desde os oleiros da *Cruz de Pedra* aos pentieiros da *Arcella*, desde o cidadão pesado que faz o chilo na pacatez da *Hav'neza*, até ao cidadão, que passeia hygienicamente, após o jantar, nos lamaçaes da *Avenida*.

Nas tardes mornas cá da terra, levitas ultramontanos, commentavam azedos, o atrevimento da folha herege, que ousou propôr a lavagem de um santo.

Estudantes seminaristas, magros, de unhas rilhadas e muitas codeas na farpella negra, liam, não percebiam e diziam textos latinos de Horacio e Phedro de aproposito duvidoso, denunciantes de uma saturação cerebral devéras lamentavel.

Burguezes pacatos, amigos da santa religião, que vão á missa ao domingo, visitam o Santisssimo ás tardes e jogam a bisca em familia, passando em chinellas á loja do vizinho, faziam-nos commentarios perpetuos, esqueciam um momento a guerra de Hespanha, berrando que havia muita canalha no paiz.

Bachareis velhos, cheios de recordações da bohemia coimbrã, rodeavam o jardim passeando e diziam benevolos atirando para o ar o fumo dos cigarros:

—São rapazes!

Estudantes pretenciosos, de chapeu duro, exigua bota de verniz, o desespero do pé rebelde a compressões, affirmavam convictos que «A «Parvonia» era porca desde o titulo ao fundo da quarta pagina, promettiam, cheios de lyrismo e de asneira, apresentar um jornal sem graça, muito limpo, onde houvesse historias de languidas castellãs morrendo d'amor e trovadores patetas enfermos do mesmo mal a dizerem-se sentimentalidades por noites luarentas, emquanto os ribeiros mansos murmuravam tristes e punham litas de prata nos prados verdes cortados pela sombra esguia dos salgueiros.

Que deliciosa semsaboria que não viu a luz e pena foi!

Talvez que supporada em letra redonda aquella phenomenal tolice que lhes pejava os cerebros, ficassem mais alliviados, mais escorreitos, de cabeça vazia para albergar subsequentes tolices menos attentorias, do bom senso.

Dos lados da rua de Santa Maria erguia-se um vozear confuso e atroador, onde todas as vozes da creação punham a sua nota.

Não faltavam mesmo as vozes de que reza o ditado impotentes para atravessar o espaço em ondulações acusticas atè ao Ceo.

Esqueletico, de malares salientes, craneo deprimido, olhos enormes, *El Magrito* no meio d'essa outra Arca de Noé, regia sereno o côro heterogenio.

Conheceil-o?

Elle não é como Voltaire o primeiro de seu nome.

Magrito tem nas veias o sangue de Magriço o mais esforçado dos doze de Inglaterra, de quem possue o nome com pouca corrupção.

Não queremos desenrolar o *autem genuit* biblico ou o *fez em ella* do velho Nobiliario.

Se o quizessemos, partindo das moneras de Haëckel e fazendo escala pelo Orohippus, Mesohippus, Anchiterium, Hipparion e Polihippus, chegariamos facilmente a *El-Magrito* estabelecendo sua nobilissima prosapia.

Mas para que, se seus artigos a mostram bem?

Ha n'elles o echo das gerações passadas de que descende, falla n'elles toda a sua genealogia.

Quando «A Parvonia» desappareceu, áfranceza, pelo alçapão, em vez de passar entre as bambolinas, a caminho da gloria, callou-se a vozearia; *El-Magrito* deixou pender o braço cançado de empunhar a batuta da regencia; callaram-se os commentadores, alguns talvez com uma saudade vaga dos tempos em que tinham assumpto para conversas de soalheiro.

«A Parvonia» morrera porque á morte esteve um dos seus redatores.

—Deus não dorme, dizia um padre, pondo os olhos espantados no azul, Deus não dorme e quiz avisar o impio de que lhe chegára o echo de suas iniquidades!

Segundo o levita Deus e o bacillus de Eberth collaboraram n'aquelle aviso á impiedade orgulhosa.

Ah! Aquelles desarranjos intestinaes eram bem effeitos laxantes do aviso divino.

Era o impio a depurar-se.

A herezia expulsa sob forma de productos de regressão do organismo.

Hoje «A Parvonia» surge do alçapão em que se abysmára surge e espera os commentarios, resolvida a batalhar sem descanço até ser arrebatada ao Ceu da Gloria no carro phantastico de fogo, que levou Elias.

Satan

A UM PADRE

Esquecendo, meu padre, as proprias dôres
Lancei a minha vista amortecida
Por sobre o quadro que se chama a Vida,
A tela collossal de negras côres.

Era um antro de funebres horrores,
Gigante mar n'uma perpetua lida;
Caveiras sobre lama apodrecida,
Gritos e ais, lamentos e estertores.

Nada que ali não se reduza a pó.
A magua em tudo. E é para isto só
Que mamamos o leite maternal?

E que ha um Deus que é bom? Padre, mentiste!
Se isto é obra de Deus, se Deus existe,
E' elle a origem, pois, de todo o mal.

Rodrigo Solano

UMA HISTORIA

(do livro inedito—COISAS—)

O abbade tinha promettido ao Manuel dos Lagares que lhe livraria o filho das correias.

Sempre este abbade sympathisára com João dos Lagares, rapaz baixo, atarracado, de hombros de Hercules e mãos callosas da enxada, que o ajudava ante-manhã na missa, atrapalhando o latim, com mui-

to somno e muita ignorancia.

Chegado que foi o dia da inspecção partiram os dois para a Parvonia. Adeante viera pelo correio, um maço de cartas do abbade. Os medicos tinham sido apertados, tinha-se fallado ao tenente-coronel e a coisa arranjava-se.

Vieram na carreira, junto das bagagens, na imperial, por cima do cocheiro que agitava o longo chicote, soltando gritos pavorosos de incitamento aos animaes cançados.

O João dos Lagares, certo da victoria, tinha um bello ar de triumpho ao entrar na Parvonia que elle dominava soberbo do alto da imperial.

Almoçaram no *Zé do Pinheiro* com um appetite devorador, a vontade estimulada por duas horas de carro no ar fresco da manhã.

Havia orelheira com feijão—um petisco, bifes de cebolada e um verde sem sulfato, verdadeira especialidade.

Depois, o abbade palitando os dentes sahiu para dar a ultima demão ao negocio, a ultima volta á tarraxa, emquanto de mãos nos bolsos, um almirante e um sorriso nos beiços sujos de nicotina, o João passeava a cidade.

Esteve no jardim entretido a ver esguichar o chafariz, aquella obra protentosa que lá está para admiração e edificação das gentes. Molhou de novo os beiços no *Terrinha* e subiu ao quartel, mas não sem têr admirado o chafariz do Carmo, obra antiga, coroada pela esphera armillar, secco por effeitos do calor e do desleixo.

Tinha esta balda o João, a *idolatria dos chafarizes*. Ha manias incommensuravelmente peores.

No quartel esperou sua vez no traje do acto, traje summario commodo no tempo de calor que então estava.

Quando entrou na sala fez logo a medicina uma careta denunciadora de molestia grave e sem muitas observações diagnosticou duas doenças capazes, cada uma de per si, de o porem immediatamente na rua como succedeu.

Livre, abalou para casa na carreira que partia.

O abbade iria mais tarde, necessitava de agradecer os favores obtidos, chegaria no dia seguinte á noitinha a Gomilhães, em carro fretado.

Em casa receberam-no com grande alegria espalhafatosa. Vieram os parentes, vieram os vizinhos.

A mãe limpava as lagrimas de alegria no avental de riscado.

O pae ficara mudo, entalado de commoção, os rapazitos da familia, agarrando a chave da torre, correram a tocar os sinos com muita gritaria.

Ficou logo annunciado para o dia seguinte grande jantar de festa.

E no outro dia os convivas muito pontuaes, appareceram radiantes, em trajes de gala.

Estava o Francisco da Joanna, irmão do Manuel, com a mulher a Joanna do Francisco e a filha a Marianna namorada de João dos Lagares. Estava tambem um cunhado do Manuel, sugeito de cara rapada e grande nariz adunco o Antonio Sachristão (sachristão porque o fôra no tempo do abbade velho que morrera ha trez annos pelas castanhas).

Dois filhos d'este, rapazes de vinte annos estupidos e bons jogadores de pau, como o pae, alguns visinhos e a gente da casa.

Abancaram na cosinha, á roda da masseira do pão, coberta por uma toalha branca de estopa.

A' cabeceira, o dono da casa, a espirrar alegria, fallava muito, como se o jantar tivesse já findado.

Ao lado o João conversava lamecha com a prima Marianna, que retorcia entre os dedos a ponta do avental.

O Sachristão abancára no extremo opposto no meio de duas beatas vizinhas que tinham vindo, contrariadas, mas gulosas, e a quem elle contava coisas do senhor abbade que Deus haja, um santo velhinho.

Os irmãos do João, umas creanças, tocavam na borda dos pratos e a mãe corria azafamada entre a mesa e a lareira.

Principiou o jantar, socegaram as conversas e começou a ouvir-se o ruido surdo, pesado das mandibulas em acção.

A caneca branca de quartilho, girava em volta desatando as linguas, animando a conversa.

Só o Francisco da Joanna permanecia calado, a face contra o prato comendo vorazmente.

—Que não comia na vespera quando tinha de jantar fóra, segredava uma das beatas ao Sachristão,

Os pratos succederam-se, os rapazitos irmãos do João manchavam de vinho a toalha, as beatas queixavam-se de afflicções no estomago.

A' sobremeza appareceram biscoutos que o João trouxera da loja do Cerqueira e alegria que os pequenos assaltaram gulosamente.

O Sachristão que servira á mesa no jantar dos padres pela festa do Sacramento, havia quatro annos, e sabia de *politica* ergueu-se saudando o sobrinho por ter escapado do quartel, onde os christãos se faziam herejes no dizer do senhor abbade que Deus tenha na Gloria.

Antonio dos Lagares quiz agradecer ao cunhado, mas engasgou-se, faltou-lhe a lingua e calou-se a contemplar, com os olhos injectados de sangue, a chamma azulada que crepitava na lareira.

Fazia um calor terrivel lá dentro.

Era quasi noite quando o João com a voz presa do vinho lembrou que deviam ir esperar o senhor abbade.

Sahiram de roldão fumando almirantes e seguiram para a estrada.

Na frente o Sachristão muito esquentado contava, com grande espalhafato de gestos explicativos, um caso que lhe succedera ha annos na feira de Braga;—rapâra do marmeleiro, fizera-se á frente e atirara-lhe uma tesa para o caco—.

Elle era puxador valente, discipulo do Joaquim Antonio Ferreira do Cano, o auctor de uma *Arte de jogo do pau*, obra abstrusa, de um estylo escuro como as profecias gregas.

O Manuel babujava o filho de beijos numa expansão de ternura paternal muito comica e atraz os filhos do Sachristão floreavam no ar os paus ferrados, avançando e recuando com grande agilidade. Mal desembocaram da azinhaga na estrada ouviram ao longe um ruido.

—E' elle, disseram postando-se em grupo no meio da estrada. Um carro aproximava-se. Era ao lusco-fusco; ao longe em volta das casitas brancas giravam morcegos e um cão uivava sinistramente.

No meio da estrada o Manuel gritou:

—Faça alto, e em côro os outros berraram:—Pare, pare!

Uma cabeça assomou á portinhola e um braço extendeu um objecto que reluzia. O cocheiro ergueu-se a chicotear os cavallos; o grupo instinctivamente, arredou-se o trem passou rapido emquanto que desapontados os lavradores diziam:

—Não era elle!—

*

O dr. Tiburcio, afamado medico da Parvonia, sabedor de sua profissão, rapaz intelligente e estudioso, ia justamente n'esse dia, para os lados de Gomilhães ver um diabetico, de cama com uma contusão na canella.

O dr. tinha um fraco, mesmo amôr por esta doença, tratava as suas victimas (da doença, não confundam) com um cuidado especial, estudava-as demoradamente, inquirindo de antecedentes de familia, de pequenos promenores que lhe fossem uteis.

Fora ao extrangeiro, estivera em Vischy, Carlesbad, Ems, Vals, etc. examinara os estabelecimentos, analysára as aguas.

E, quando voltou de fóra, tudo o entediava, tudo lá era melhor

e as referencias ás maravilhas vistas choviam pausadas e systhematicas.

Depois esqueceu o que vira, embrenhou-se no estudo da sua doença querida—a diabetes, via diabeticos por toda a parte e se alguem o consultava por causa de uma unha encravada ou de um defluxo, o dr. pedia uma amostra de urina e achava-lhe sempre quantidades notaveis de glucose.

Consultal-o era soffrer a picada do quarto ventriculo, apparecia invariavelmente o assucar.

Elle conhecia as theorias antigas e modernas emittidas sobre a doença e os meios de tratamento deduzidos de cada uma.

Conhecia a theoria gastrica de Bouchardat; a de Mialhe que attribuia a diabetes o pertubações respiratorias; a de Reynoso que lhe dava por causa a insufficiente oxygenação do sangue; a de Rouget; a de Pavy combinação das duas ultimas, a de Schiff, a de Cantanni, etc.

Sabia como a diabetes se tratava privando o doente de substancias assucaradas e feculentas, obrigando-o a exercicios, á gymnastica, á equitação.

Conhecia o methodo de tratamento por liquidos alcalinos, a agua de cal, o bicarbonato de soda, a maguezia calcinada, o carbonato de ammonio.

Não ignorava que Reynoso aconselhava inhalações de oxygenio e a ingestão de agua oxygenada.

Era-lhe familiar a hydroterapia, o emprego de revulsivos na região hepatica, adoptados por Claudio Bernard.

Sabia os resultados obtidos por Lanceraux ministrando aos doentes a pancreatina.

Sabia tudo isto, e muito mais, mas desdenhava todos estes processos porque extrahira do latim *Similia cum similibus* um methodo de tratamento inteiramente seu.

Ministrava-lhe assucar em abundancia e o caso é que os doentes escapavam.

As más linguas, as linguas invejosas, attribuiam tão surprehendentes resultados á falta de diabetes nos doentes do dr. —Calumnias!

N'esse dia elle, mais preocupado do que nunca, atravessava Gomilhaes ao trote largo dos cavallos embebido na leitura de uma memoria apresentada á Academia de Medicina de Paris.

Eram seis e meia da tarde. Carros carregados de milho gemiam ao longe nos campos verdes e na estrada poenta e só o trem rodava monotono.

A espaços o dr. parecia despertar, erguia a cabeça, coçava o rosto imberbe, chupava o cigarro, quedava-se a olhar por um momento a estrada, depois recomeçava a leitura.

E o trem rodava sempre com um ruido extranho de ferros desconjunctados.

E como não podesse já ler, o dr. passava pela memoria os dias deliciosos que vivêra na França e insensivelmente, com uma presistencia de monomaniaco achou-se a contar pelos dedos a serie de diabeticos curados per seu milagroso processo.

Ao longe ouvia-se um vozear confuso e crescente. No pó da estrada destacava-se um grupo negro.

Pyrilampos luziam nas moitas e ao longe um cão uivava sinistramente.

—Pare, pare! gritaram do grupo. Faça alto!

Dentro o dr. deixou cahir a memoria, esqueceu momentaneamente a diabetes, procurando no bolso uma arma e assomando á portinhola de rewolver em punho, o cocheiro, de pé sobre a boleia, chicoteava furiosamente os cavallos e o carro passou á desfillada entre o grupo surpreso, que ficou gesticulando emquanto lá em baixo, entre rolos de pó, elle continuava a rodar na estrada solitaria.

*

Dias depois a Voz da Parvonia inseria esta local:

ASSALTO

Foi assaltado por um bando de ladrões, proximo a Gomilhaes o carro em que o distincto clinico snr. dr. Tiburcio Mendes Ferraz se dirigia a casa de um cliente.

Felizmente que graças á energia e sangue frio do cocheiro, que soube chicotear a tempo os cavallos, sua Ex.ª sahiu incolume da aventura.

Os nossos parabens.

De passagem lembraremos a quem compete que a ladroeira campeia infrene no concelho e são necessarias prontas e energicas providencias. Mais uma vez pedimos policia.

O DYABO

JESUS CHRISTO

A J. A. PIRES DE LIMA

Christo! desprende as tuas mãos chagadas
D'esse cruento e horrido madeiro
E vem abençoar o mundo inteiro
Se tens amor ás raças desvairadas!

Deixa o côro das lugubres toadas
Que os padres entoam, traiçoeiro.
Se queres ser um Deus justo e verdadeiro
Dá de comer ás boccas esfaimadas!

Abre a sorrir as negras enxovias
Onde os párias, oh dôr! passam os dias
Cheios de fome, rôtos, a chorar...

Põe termo a tanta dôr que nos consome!
Dá pão a tanta bocca que tem fome!
E poderemos inda acreditar.

PROMETHEU

A JOÃO DE MEIRA

Tu não foste um infame, um criminoso
E, se gemes vencido, acorrentado,
E o abutre da Dôr esfomeado
Te dilacera o peito vigoroso,

Não deixes que teu braço musculoso
Por mais tempo supporte o negro Fado!
E' tempo de partir o cadeado,
Que te prendeu no Caucaso escabroso!

Tinhas sêde de Luz e de Verdade;
Querias resgatar a Humanidade.
Escrava da illusão, ha tantos annos!...

E hoje, mais que nunca, ó Promotheu!
Nós precisamos d'escalar o céo,
E fazer luz nas almas dos tyrannos!

Joaquim Costa

CARTA a

VÓS SENHORAS GENTIS DE PURA E FINA RAÇA

(acerca das festas a S. Nicolau)

Venho conversar um pouco convosco.

Damas de Guimarães, mimosas flores de Liz,

fallar-vos de um assumpto mais velho do que o peccado, porque antes que Eva peccasse de parceria com Adão, já a maçã pendia da arvore fatal. E é justamente, ácerca da maçã, o fructo que a *vossa bocca rosada aromatisa e morde*, que necessito de vos dizer estas coisas de nenhum modo banaes.

Eleitas do Senhor...damas de Guimarães,

a acceitação de offertas implica gratidão aos offerentes.

Aceitando as maçãs contrahis uma obrigação, ficaes em divida para com os academicos que vol-as offereceram

Como pagaes essa divida? Como vos desembaraçaes d'essa obrigação? Que lhes offereceis em troca? O vosso amôr?

Tendes acaso amôr sufficiente para todos os que passarem cavalgando sob vossas janellas e voltados na sella vos offerecerem maçãs?

Eu não duvido, não, que o vosso amôr.

Donzellas, ó rivaes da Aurora a despontar,

chegue para todos os garbosos academicos que metamorphoseados um pagens, em tunos, em pachás e outras figuras carnavalescas, vos brindam com o fructo em questão, mas peço licença para vos recordar que esse amôr, essa ternu-

ra emfinda não deve ser distribuida em rações como o *pão dos pobres de Sinto Antonio*.

Convindo porem em que d'um só aceiteis com uns restos de atavismo, com uma predisposição que remonta a Eva, a maçã offerecida, quero ainda prevenir-vos de que muitos d'esses academicos vestem sotaina negra, côr dos corvos e da alma de muitos d'elles e decerto a nenhuma de V. Ex.as convem a posição de Hermengarda de Euricos tão prosaicos e tão saturados de latim.

*

Vós que tendes um altar no peito dos rapazes

recebestes um soneto das mãos de um academico, mas ignoraes que o prazer de ver a poesia em letra redonda e de vol-a offertar, custou ao vate o amolgamento diario das costellas de ha tempos a esta parte.

Vós que tendes mães que vos adoram, vós que sois todas bondade, ignoraes o que seja um parente tyrano incapaz de comprehender os altos destinos reservados ao poeta que vae rabiscando sonetos nas paginas brancas de um compendio.

Frustrado intento o de querer vedar com tareia as torrentes de poesia que lhe irrompem do cerebro anormal.

Quando um homem sente em si o fermento de trez Petrarchas a lenfum arcaboiço de Gamões, é impossivel abafar-lhe com palmatoadas os gritos de Genio, porque o Genio, minhas senhoras, assim como a Asneira rebenta quando é comprimido. Aquelle soneto era uma explosão. De Genio? De Asneira? Permitti-me que não entre em averiguações de tal ordem.

Intitulava-se—AVÓS... Desconfio que o titulo acoberte uma insinuação malevola; temo que chamando-vos «avós», queira chamar-vos velhas.

.....Damas, rolas gemedoras
Que voais ao nosso lado seductoras

guardai o soneto, bem estimado, na caixinha de cartonagem onde conservaes os sabonetes e os lenços bordados, gardai-o que elle representa muito lagrima, muita tareia e pedi *a Um chamado Deus* que se compadeça de uns de cerebro anomalo como o poeta.

*

Recebestes tambem

Epopeas do Azul com versos do luar,

de um outro academico trez quadras que rematam:

Quero darte a minha vida
E por ti quero morrer

Não sei se V. Ex.as estão dispostas a deixa-lo immolar-se para remir os pequeninos peccados que por accaso tenham. Mas se tal vão fazer, eu lhes rogo, suspendam o sacrificio inutil. Suspendam visto o poeta-academico, não ser cordeirinho puro que se possa immolar a Jehovah, ou bode espiatorio sobre o qual possam V. Ex.as descarregar suas culpas.

*

Houve ainda um terceiro poeta que não contente com sua invejavel posição de mammifero placentario da ordem dos primatas, vos disse minhas senhoras, pretender ser tranformado em flor, á semelhança de Hyacintho. Foi um modo encoberto de pedir que o tragam ao peito; ha nos versos uma saudade dos tempos em que o vate tinha ama.

*

Digam-me V. Ex.as que eu quiz fazer paradoxo, e digam-me elles, as academicos, que tambem eu, um dia, afivelei a mascara de velludo negro e de chapeu de dois bicos, sapato de fivela, em trage de tuno compostellano, fiz aquillo que hoje, se não acho rediculo, ao menos me parece, velho e sem significação; digam-me isto que eu responderei apenas:

—E' verdade, e nãs fiz uma asneira, fiz uma creancice.

Todos esses maviosismos que pedi emprestado á lyra de Braulio Caldas tiveram por fim adoçar as rudezas do meu caracter de Dyabo e pôr n'esta carta umas tonalidades melifluas muito convenientes a quem, como eu, vem conversar com senhoras.

O Dyabo

LAGRYMAS FECUNDAS

I

Alma que amaste e crêste, e já despida
De ambições e de crenças vais andando
Por o caminho aspero e nefando
Desta inda breve e já cançada vida;

Tu que sahiste heroica e mal ferida
Da treva das paixões tempestuando,
Onde viveste em outro tempo, quando
Buscavas a ventura appetecida;

Dize-me, alma serena e desgraçada,
Que achaste cinza onde sonhâras luz
E sol-posto onde luz de madrugada,

Que te resta de tanta esteril dôr?
De que serviu levar ao hombro a cruz
Do soffrimento, com tamanho ardor?

II

A antiga fé consoladora, a crença
Firme de nossos paes, robusta e austera
Perdido o norte, como sombra que era,
Diluiu-se na noite eterna e immensa.

Fez-se em meu peito a bruma, fria e densa
Da noite escura de quem nada espera,
Onde não ha florir de primavera,
E o desespero em pranto se condensa.

Volvi meus olhos tristes para a estrella
Velada da Verdade, e, de olhos nella,
Sigo sereno pelo mundo alem.

E á sua luz, eu vejo, desta altura,
Que toda a minha tragica amargura
Se converteu na flor santa do Bem.

Torquato Pinheiro

IMPRESSÕES

São nove horas da manhã. Acabam de dar na *gare* o signal da partida do comboio da proxima estação de Vizella. Transportando-nos por momentos a um dos *wagons*, veremos, sentado, n'uma das extremidades d'um banco, um lavrador, cabisbaixo, com as mãos fincadas a um varapau que lhe passa por entre os joelhos e pensando talvez em questões de negocios; mais ao lado duas irmãs de caridade lendo os livros de orações e entremeando de vez em quando a leitura com Padre-Nossos e Ave-Marias ao Santissimo Sacramento, ao Snr. dos Afflictos, e Salve-Rainhas a Nossa Senhora da Guia para que as leve a salvamento; em frente, um velho padre-cura, trajando uma sotaina de que se não pode bem definir a côr e entoando, n'um timbre de voz especial, alguns trechos de latim, extrahidos d'um breviario sebento e recheado de rapé; na outra extremidade do banco, um garoto, vendedor de jornaes, assobiando com appetite algumas das trovas mais populares; e na portinhola, presenciando o lindissimo panorama de entre Vizella e Guimarães, depois de teradmirado as encantadoras e poeticas margens do rio Ave, Faustino Gregorio, nutrido e opulento burguez que deixara os patrios lares, o *thesouro de sua santa esposa* e filhos estremecidos, no intuito de visitar a nobre e antiquissima povoação de Guimarães que, segundo ouvira dizer em sua casa n'uma sabatina de historia patria, fora campo de uma sanguinolenta batalha entre uma mãe perfida e um filho revoltado e *berço desse rei sublteador que tinha bico d'aguia e garras de condor*.

Chega o comboio ao apeadeiro de Covas.

Ouvem-se vozes de varios passageiros que gritam:

Oh! *Chefe* o comboio vai fora da tabella; e o *chefe* depois de ter recebido o correio para os individuos

das immediações e de ter respondido com phrazes pouco amaveis a esses atrevidos, tira da gaita, que traz a tiracolo, um som roufenho em seguida ao qual o comboio entra em marcha no meio de grande vozearia e movimentos especiaes de braços e mãos que se cruzam e que qualquer franciscano ou mathematico facilmente interpetraria.

Faustino Gregorio em seguida avista lá n'um alto, as capellinhas brancas do cemiterio d'Athouguia e em baixo n'um valle a egreja de Creixomil junto da qual vae serpeando a estrada que conduz de Guimarães a Brito. Silva a locomotiva; é o signal da proximidade da estação. O lavrador sahe das suas cogitações, as irmãs de caridade deixam transparecer nos seus rostos anemicos a alegria que lhes vae na alma e agradecem n'uma ultima Salve-Rainha á Virgem Santissima; o padre cura tira os oculos e mette-os dentro do breviario que fecha indolentemente lançando ao mesmo tempo ás irmãs, *um olhar que nem o proprio Deus accuse de maldito;* o garoto saboreando ultimamente umas pontas de cigarro trata de ordenar os jornaes e Faustino Gregorio fica deslumbrado ante o panorama da cidade que lhe surgira de repente deante dos olhos esgazeados, ostentando na sua fronte como diadema o nobre e soberbo castello, deixando vêr ao lado d'este os antigos paços dos Duques de Bragança e mais no fundo a cupula da Torre de S. Pedro que parece um borrão de cal no meio d'aquella massa de casas de variegadas côres.

Pára o comboyo. E ao apear-se, é Faustino Gregorio immediatamente assaltado por meia duzia de carrejões, que disputam entre si o transporte da mala. Meio embrutecido pelos choques e encontrões que seu melindroso corpo exprimentara, sahe da *gare*, olha para um e outro lado, vê uma estrada em construção, outra inteiramente enlameada, de maneira que se vê forçado a tomar logar n'uma das carruagens que n'aquelle momento alli estacionavam e que fazem o transporte dos passageiros da estação para a Parvonia.

A carruagem em movimento, e é vero nosso heroe dando no logar, como inexperiente *clown*, verdadeiros saltos mortaes e ouvir as imprecações do cocheiro contra os soberbos fossos da Avenida. De repente Faustino sente-se arrebatado ao ouvir o hymno nacional, executado com rara mestria nos sinos da torre do Senhor dos Passos, ao mesmo tempo que divisa, no alto da Penha, uma mancha branca, o Pio IX, que do pedestal está abençoando a mui reverente e catholica idade de Guimarães. Os burros esfomeados e de canos no serviço, ao ouvirem a trombeta do conductor que anuncia a chegada á cidade, tomam folego por instantes, e arrastam energicamente, embora com muito custo, a carruagem que, após um ruido longo e ensurdecedor nas lages da calçada vae parar em frente do grande Hotel do Toural que deixa vêr na fachada um elegante mastro, para n'elle ser arvorada, nos dias de grande gala, uma bandeira de armas reaes. Faustino Gregorio, como todos os burguezes que se prezam, um proselyto teso e acerrimo defensor da philosophia sybarita que tem por fundamento aquelle principio para elles de intuição suprema e que consiste em que o homem *vive para comer* galga n'um momento, apesar o obstaculo que lhe offerece a obêsa pança, o escadario que o separa da sala, de jantar onde se demora durante trinta minutos a comer uns explendidos *beefs*, desprezando como bom amigo da carne, tudo que se refere *a tomates agriões com sumo de pepino* e regando o manjar com alguns copos do de Basto e Guimarães. Satisfeito o estomago, escarafunchando os dentes com um palito, eil-o encaminhando-se para a sala de jogo p'ra mostrar as raras habilidades que possue no manejo do taco e para observar as d'outros que, com um tabuleiro de damas ou gamão em cima dos joelhos, vão fazendo rodear-se pelos circumstantes, a maior parte d'elles, leigos na materia.

Chegara o momento solemne de Faustino percorrer as ruas da cidade e visitar alguns dos principaes monumentos. Achara-se, ao sahir do hotel, n'esse largo que é a ufania do povo de Guimarães e que deixa ver, no lado poente, a basilica de S. Pedro com uma unica torre e n'essa podendo-se observar, atravez as sineiras vasias, os ninhos das pombas e corujas que d'ahi fazem seu domicilio Em seguida, dirigira-se como que instinctivamente, para o jardim, onde encontrou varios companheiros de burguezia, muito recostados nos bancos, lendo os jornaes, fallando de politica e da elevação do cambio, estudantes seminaristas fazendo medonhos esgares e atroando com grande vozearia, os ouvidos de quem passa e alguns meninos collegiaes, de raminho na *boutonniére*, ventas no ar, a verem talvez se descobrem de dia alguma *estrella*, indo parar, pouco depois, em frente do coreto, onde a banda regimental vem tocar, durante duas horas, aos domingos e dias sanctificados, com grande assistencia de damas e artistas; por fim descobre com a vista essa obra portentosa que tem causado a admiração dos extrangeiros, esse *lago nada mau, onde os visinhos vão molhar o bacalhau* e que deixa ver no centro um exotico chafariz lançando agua em angulo recto por dois orificios, um dos quaes appareceu não sei por effeito de que. Ahi deleitara-se Faustino, por algum tempo, em lançar migalhas de pão, maná precioso, que os peixes vinham disputar á tona d'agua. Depois encaminhou seus passos para a Sociedade Martins Sarmento, onde observou a grande bibliotheca, as medalhas antigas, as manilhas de ouro macisso, algumas azagaias que ornamentavam as paredes e uma grande quantidade de pedras e cruzeiros. Em seguida dirigindo-se pela parte leste da Praça do Mercado, avista *na sua pompa e aerea formosura*, o portentoso canudo, do campo do Proposto; e como *o homem é dotado d'aquella curiosidade natural que o incita a conhecer tudo que o cerca*, eil-o fazendo perguntas a torto e a direito, ao vivo rapazio, que lhe diz pertencer á Escola Industial que Nosso Senhor terá mais tarde occasião de fazer. Para lá se dirige Faustino lenta e pachorrentamente; e qual não é o seu espanto quando vê uma grande manada de burros lazarentos a correr á desfilada! Por momentos, julgou o meu heroe que fossem aquelles animae-

sinhos os alumnos da citada escola. Estava elle mergulhado n'estas reflexões, quando umas particulas de corpos especiaes e de cheiro caracteristico, invadindo-lhe as fossas nasaes lhe offenderam a pituitaria, ao mesmo tempo que uma chuva de pedras lançada pela mão adextrada dos garotos que por alli se divertem, cahindo-lhe sobre o lombo, o veio despertar do lethargo em que jazia e fazer dar ás de Villa-Diogo achando-se n'um instante no meio da rua de Gil Vicente. Ia elle rua acima meditando n'aquella ousadia revoltante, quando ouve a seu lado o passo d'um individuo, marchando com a cadencia propria dos jumentados, e que lhe soprava quasi que aos ouvidos: amanhã, amanhã, o meu soneto ás damas! Ai que prazer eu estou sentindo em as prever completamente subjugadas pelo producto d'este meu cerebro, todo poesia; e fitando de soslaio Faustino Gregorio, exclama por entre dentes: *eu logo vi que era um avarento*; e o burguez pensando ainda no atrevimento da garotada, brada o seguinte que o vate recolhera para si muito lisongeado: *Perdoae-lhes meu Deus que não sabem o que fazem. Bemaventurados os pobres de espirito porque d'elles é o Reino dos Ceos.*

Depois de ter atravessado algumas viellas onde esteve por vezes a succumbir á asphyxia, foi parar no largo do Carmo junto do chafariz que deixa ver no cimo uma esphera armillar, que serve de modello aos estudantes do Seminario-Lyceu que, com grande espanto do jardineiro, vão sentar-se no escadorio ou na borda do tanque e apontar a ecliptica, coluros, equinocios, polos, equador e mais quejandas que se relacionam com a dita esphera. Dirige-se, depois de ter contemplado a egreja de Santa Margarida, para o castello, onde observara, segundo o discurso do Ciceronni, o cadeado onde estivera preza a rainha D. Tareja, o gradario n'uma cella, atravez do qual se escaparam dois condemnados á morte e por fim a direcção do campo de S. Mamede que Ciceronni apontava lá do alto da torre de menagem, ao mesmo tempo que exclamava, misto de enthusiasta e tragico, que fôra alli onde se travara uma lucta entre Affonso Henriques e D. Thereza, e onde, n'esse dia, o rio que por alli passa levava mais sangue do que agua!! Faustino, depois de ter pago com algumas moedas que depositara nas mãos do Ciceronni reconhecido, o custo do trabalho que este tivera, e sempre no intuito de visitar a cidade, atravessa o largo dos Capuchos e dirige-se para a rua de Santo Antonio, onde vê com grande espanto seu, rodeado por uma multidão de gente, um individuo, em trajes d'academico, que em cima d'um carro, dirigindo-se ora às damas e tricanas, ora a outros individuos mascarados, trajando carnavalescamente e trazendo suspensos ao nivel do abdomen monstruosos zabumbas, proferia phrases de sentido duvidoso. Após a retirada de tão solemne bando, ouve um individuo que cantarolava: *Catumbella, Catumbella ó piiiscador*, fazendo acompanhar de gestos superabundantes a seguinte reflexão *Garrett não Pensou bem n'isto porque realmente aqui deve haver uma contracção.* Faustino após encontros tão extraordinarios de que ficou fazendo idêa de Guimarães, muda de rumo e dirige-se para o largo de Franco Castello Branco, onde vê outro subjeito que, ao caminhar, leva uma locomotiva no tendão de Achilles e no pescoço uns collarinhos que lhe lembraram uma caneca das que fazem a medida do vinho nas tabernas.

Ao passar Gregorio pelo corredor da Misericordia, uma invasão de gaz ammoniacal nas fossas nasaes o fez grunhir: Que cheiro este! Ainda não tinha tempo de acabar de proferir estas palavras quando um velhote lhe ruge a alguns passos de distancia: *Tambem tu, tambem tu... não te cheira a palha que comes... deixa que eu hei de estudar-te* a geographia.

De repente silva no ar uma pedra que foi cahir na nuca de Faustino que tombou, atordoado, no meio do chão. O velhote safara-se ao vêr a coisa mal parada, e Gregorio lá se arranjou como poude, dirigindo-se para o hotel, com a roupa toda ensanguentada. Mandou logo chamar o afamado clinico Dr. Tiburcio Mendes Ferraz que lhe applicou um adhesivo, pedindo-lhe acto continuo para examinar as urinas, não houvesse serias complicações com a diabetis.

Eis as impressões maravilhosas que recebeu Faustino Gregorio.

O Diabinho.

SECÇÃO DOS VELHOS

O «Commercio» cá da terra abriu uma *secção dos novos*. Para principiar publica duas quadras dois tercetos do poeta novo e catholico Alfredo Pimenta, sobordinados ao titulo —SONETO—, não fosse a gente imaginar, pelo levantado da idêa, que aquillo era ôde ou poema heroico.

Obrigado pela explicação, amigo Pimenta, obrigado.

Nós tambem vamos abrir uma *secção dos Velhos*, para a qual vamos convidar os poetas antigos, até mesmo os que ja morreram.

Ora o «Commercio»!...

O DYABO

Na 4.ª pag 1.ª col., linha 9, onde se lê: academicos vestem, leia-se: academicos pretendem engrossar a phalange tetrica dos que vestem etc.